



Origem e conceito do batismo na Bíblia

The concept and the origin of the biblical baptism

João L. Marcon, José R. Ceribeli, Delmer S. R. Ocáriz¹

Resumo / Abstract



rito do batismo é tido como a cerimônia que insere o prosélito no seio da comunidade cristã. No meio cristão, surgem polêmicas quanto a sua origem, forma e natureza. Assim, este artigo analisa as origens hebraicas desse rito e como sua compreensão desdobrou-se no decorrer da formação do cânon bíblico e também entre os judeus no começo do primeiro século da era cristã. Por último, será feita uma comparação do ensinamento bíblico com aquilo que denominações cristãs têm praticado hoje no que diz respeito à forma e a natureza do batismo.

Palavras-chave: Batismo; Prática batismal; Propósito do batismo



he baptismal rite is considered the ceremony that inserts the proselyte into the christian community. In this environment, there are polemics about its origin, means and nature. Thus, this article seeks to analyse the hebrew origins of the rite and how this comprehension unfolded as the biblical canon was formed and also among the jews in the beginning of the first century of the Christian era. Finally, the biblical teachings will be compared to what has been practiced by the christian denominations concerning to the means and nature of baptism.

Keywords: Baptism; Baptismal practice; Purpose of the baptism

¹ Pós-graduando *latu-sensu* em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: joao.marcon@adventistas.org.br

O batismo é comumente tratado como um rito de iniciação para várias denominações cristãs. Assim, cada uma delas possui diferentes conceitos e práticas oriundas de suas concepções teológicas. Acreditamos que tal variedade de doutrinas se deve à diversidade de compreensões sobre o propósito do batismo.

Partindo-se do pressuposto de que para se obter os resultados desejados é necessário um início correto, o acertado entendimento quanto ao propósito e ao conceito do rito garante um melhor efeito nos resultados. Saber o que o rito significou para aquele que o ordenou, representa maior conhecimento quanto a pessoa de Deus e seu propósito e, portanto, maior eficácia quanto à sua aplicação e resultados esperados. Em resumo, nossa problemática poderia ser assim definida: qual seria a origem do batismo?

O pensamento bíblico sobre batismo

A primeira referência no Novo Testamento ao batismo² diz respeito a João, o Batista. Quando indagado pelos líderes judeus quanto ao rito, João se vê questionado em sua autoridade para batizar, e não pelo rito em si (GOMES, 2009). Logo se percebe que o batismo era algo comumente praticado entre eles, pois ninguém parece se escandalizar pelo fato de João batizar prosélitos e judeus (Mt 3:5,6; Lc 3:10-14) (COENEN; BROWN, 2000, v. 1, p. 186). Henry F. Brown (1965, p. 2) comenta: “Entre os judeus, a purificação por lavagem de água era bem conhecida. O sistema levítico de adoração era de diversas abluções” (Lv 9:10).

A prática e o conceito de imersão no Antigo Testamento

A prática da imersão para obter-se a purificação pode ser encontrada no Antigo Testamento, das seguintes formas: no ingresso do novo sacerdote nos serviços do templo (Lv 8:6); no ingresso dos sacerdotes no trabalho diário antes de entrar na tenda da congregação e diante do altar do holocausto para officiar (Ex 30:18); no Dia da Expição, o sumo sacerdote se imergia em água (Lv 16:4,24); no ritual de purificação do leproso (quando o indivíduo curado deveria se banhar em água para ficar limpo - Lv 14:8; ver II Rs

² Do grego *báptisma*: consiste nos processos de imersão, submersão e emersão; o verbo “batizar”, primariamente forma frequentativa de *bapto* (“imersão”), era usado entre os gregos para significar o ato de tingir roupa ou a ação de tirar água imergindo uma vasilha em outra (VINE *et al*, 2002, p. 431). Para melhor esclarecimento das palavras hebraicas e gregas quanto a lavagens de purificação, ver Coenen e Brown (2000, v. 1, p. 180-189).

5:0,14); na purificação de imundícies de fluxos do corpo (Lv 12:4-7; 15:6-8,13,16-21), entre outros. Fazendo referência a isso, o *Dicionário Bíblico Adventista* (HORN, 1995, p. 141, tradução livre) menciona o seguinte:

A cerimônia estava destinada a ensinar quão virulentos e fatais são a impureza espiritual e a rejeição inflexível de todas as formas e graus do pecado, e implicava a provisão que se havia feito para limpar o ser humano de suas culpas.

No episódio do Monte Sinai, antes de receber os Dez Mandamentos e estabelecer o pacto entre Deus e Israel, o povo foi convidado a se consagrar a Deus através da lavagem de suas roupas (Ex 19:10-11) (BROWN, 1965, p. 2). Outra referência sobre ao tema do batismo encontra-se no livro de Salmos, quando Davi, “em seu arrependimento”, dizia “lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado [...]lava-me, e ficarei mais alvo que a neve” (Sl 51:2,7) (BROWN, 1965, p. 2). Não era somente um desejo de purificação, mas também um clamor de mudança de atitude e ação para o que é correto (Sl 51:10-13,17,19).

Tempos depois, numa ampliação do Salmo 51, o profeta Isaías deixa claro que o pecado tem por resultado a contaminação e a decadência espiritual (Is 1:1-15). Dessa forma, é preciso que cada pecador se purifique, isto é, lavar-se e tirar as vestes da injustiça (Is 1:16). O profeta também apresenta que o coração deve ser limpo da corrupção moral ao se aprender a fazer o que é justo (Is 1:16, 17). Ele diz: “ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã” (Is 1:18-19; ver também Jr 4:14) (NICHOL, 1990, v. 4, p. 40). Essa limpeza só é possível com o arrependimento do transgressor (Is 1:27), e ainda mais: o profeta acrescenta que este lavar/purificar será uma obra do Senhor, “quando [...] lavar a imundícia das filhas de Sião e limpar Jerusalém da culpa do sangue do meio dela, com o Espírito de justiça e com o Espírito purificador” (Is 4:4).

O contexto da passagem acima faz menção a dois pontos importantes: o primeiro aspecto se encontra nos versos 2 e 3 que dizem que isso será nos dias do “renovo” (NICHOL, 1990, v. 4, p. 60), do Messias, e como consequência, os remanescentes purificados serão chamado de “santos”, “todos os inscritos em Jerusalém para a vida.” O segundo ponto diz respeito aos versos 5 e 6, que relembram Israel peregrinando no deserto sob a proteção de uma “nuvem de dia e fumaça e resplendor de fogo chamejante de noite.” Tal fato evoca a história do povo hebreu o que ocorreu após YHWH ter libertado

seu povo da escravidão egípcia e fazê-lo passar pelo meio do Mar Vermelho, imergindo Israel para o lavar de suas impurezas.

Todavia, anuncia Isaías que um outro êxodo ocorreria com um remanescente, seguido de uma purificação e da presença e proteção de Deus sobre os seus servos purificados e inscritos para a vida. O lavar tem um sentido de libertação e recomeço, nascimento de uma nação³ (Is 4:2-6).

Os profetas Zacarias e Malaquias reforçam o pensamento de Isaías sobre a relação entre limpeza através do lavar e a pessoa do Messias. No final do capítulo 12, Zacarias trata de uma época em que seria aberto um manancial no qual o povo de Deus na qual lavaria seus pecados. Em Isaías 13:1 há a promessa de que “uma fonte jorrará para os descendentes de Davi e para os habitantes de Jerusalém, para purificá-los do pecado e da impureza” (HENRY, 1995, p. 20). A lamentação pelo pecado é acompanhada pela sua purificação.

Malaquias 3:1-5 diz que o “Anjo de YHWH” seria como “um fogo” de “ou-rives” e a “potassa de um lavadeiro” que lava as imundícies dos filhos de Levi, os sacerdotes e, por extensão, dos “filhos de Jacó.” Gordon Chown (1984, p. 182) apresenta que os profetas veterotestamentários previram sobre este “batismo messiânico” que traria a “purificação nos últimos dias.” Mas antes que essa “expurgação messiânica” “pudessem ser cumpridas [sic]”, haveria um precursor que traria Israel de volta a YHWH e a seus mandamentos (CHOWN, 1984, p. 182).

Desse modo, os rituais de lavar, imergir, purificar com água no Antigo Testamento apresentam o conceito de uma demonstração de limpeza dos pecados e suas consequências, tais como doenças, fluxos, cadáveres etc. Ele deve ser acompanhado de arrependimento e abandono das transgressões dos mandamentos de YHWH, seguido da prática da justiça. Essas lavagens ritualísticas eram símbolos da purificação que o próprio Deus traria para o seu povo.

A prática e o conceito de imersão no judaísmo do início da era cristã

No judaísmo do início do primeiro século da era cristã, dois tipos de imersão eram praticados. O primeiro pedia dos judeus que se fizessem com frequência os rituais de purificação e tinha suas raízes nas práticas bíblicas (BROWN, 1965, p. 2). Assim, os rabinos instruíram seus seguidores na prática do batismo e “relacionavam [...] o lavar as vestes” (por exemplo, em Êxodo 19:10) “com o dever de tomar banho de completa imersão” (BROWN, 1965, p. 2).

³ Segundo a teologia do Antigo Testamento, quando Israel sai do Egito e passa pelas águas e recebe os mandamentos, então, surge como uma nação. Antes eram considerados somente como um povo.

O segundo tipo de imersão era solicitado ao converso à religião judaica. Um prosélito ao judaísmo deveria fazer três atos como indicação de que se tornara um judeu: “receber a circuncisão”, “submeter-se a um banho ritual” e “oferecer sacrifícios” (COENEN; BROWN, 2000, v. 1, p. 181). Com respeito ao banho de imersão ritual, os rabinos consideravam o ato em si como a mesma experiência que os ancestrais israelitas passaram junto ao Monte Sinai:

Quando os judeus imergiram, no Monte Sinai, completaram o processo de conversão que iniciaram com a circuncisão quando saíram do Egito; portanto, os convertidos de todas as épocas devem mergulhar na Micve⁴.

Também o ato relembra a travessia do Mar Vermelho e a “imersão” era como “um resumo dos acontecimentos que fez de Israel uma nação” (HORN, 1995, p.145). Considerava-se, ainda, que a micve representava um túmulo. Então, o convertido saía da morte para a vida e era tido como uma criança “recém-nascida” (COENEN; BROWN, 2000, p. 180-181).

O batismo também era praticado dentro da seita judaica dos essênios, na localidade de Qumran. Ela possuía, segundo registros arqueológicos, inúmeras piscinas para seus banhos de imersão visando à purificação ritualística (HORN, 1995, p. 145-146). Essa purificação não era somente exterior, mas envolvia também o interior e era acompanhada de “arrependimento” e “submissão à vontade de Deus”, sendo os banhos “eficazes para a purificação da impureza moral” (COENEN; BROWN, 2000, p. 180-181).

O iniciante na seita dos essênios necessitava imergir-se completamente uma primeira vez de modo distinto e, depois, como já membro da comunidade, tantas vezes quanto precisasse do ritual para demonstrar sua retidão moral (COENEN; BROWN, 2000, p. 187-188).

Elucida-se, então, o porquê da indagação dos líderes judeus com respeito ao batismo de João. Eles questionaram a autoridade dele para batizar e não o rito em si. Talvez, pensavam eles, João devesse ser um dos profetas antigos ou, quem sabe, o próprio Messias, que purificaria o povo de seus pecados com um modo de lavagem ritualística profetizados pelos rituais do santuário e pelos profetas hebreus.

⁴ Micve é a piscina ou reservatório onde se coloca água para os banhos de imersão ritualísticos do judaísmo (ver LAMM, 1999, p. 148).

A prática e o conceito de imersão no Novo Testamento

A prática da imersão de João no rio Jordão está ligada ao ato de a pessoa se arrepender e confessar os seus pecados. Essa é uma demonstração pública de contrição e pesar pelos seus atos de transgressão aos mandamentos do Senhor ou separação dele. Por esse motivo é chamado de “batismo de arrependimento” para “remissão de pecados” (Mt 3: 5-7, 11; Mc 1: 4-7, 8; Lc 3:3).

A palavra “arrependimento” na língua grega é *metánoia*, que significa: a) religiosidade e moralidade, como uma mudança de mente que leva a mudança de comportamento, conversão, dar meia volta (Mt 3.8; 2Co 7:10); b) uma mudança de opinião a respeito de atos pesarosos. Já a palavra “remissão”, em grego *áphesis*, tem como significado: libertação do cativo, liberação, salvamento (Lc 4:18); cancelamento de uma obrigação ou de um débito, perdão; predominantemente em relação com pecados perdoados, cancelamento de culpa (Mt 26:28) (FRIBERG, T.; FRIBERG, B., 2005).

Em seu ritual, João não somente apelava para o arrependimento e confissão, mas, ao mesmo tempo, exigia de seus discípulos produção de frutos dignos de um retorno a Deus (Lc 3. 8). Ao ser questionado pelas multidões que iam ter com ele sobre o que fazer para expressar esses frutos, ele disse aos seus inquiridores:

82

Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem; e quem tiver comida, faça o mesmo. Foram também publicanos para serem batizados e perguntaram-lhe: Mestre, que havemos de fazer? Respondeu-lhes: Não cobreis mais do que o estipulado. Também soldados lhe perguntaram: E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa e contentai-vos com o vosso soldo (Lc 3:11-14).

Assim, conforme os evangelhos sinóticos, o batismo de João era uma lavagem ritualística que demonstrava que o indivíduo experimentou uma mudança de pensamento e atitude, uma passagem para a liberdade e absolvição divina; uma vida na prática da justiça e retidão.

No livro dos Atos dos Apóstolos, Pedro, do mesmo modo que João Batista, apresenta o batismo como uma expressão pública de arrependimento, conversão e remissão de pecados (At 2:38-41). Porém, Pedro acrescenta que ao ser batizada, a pessoa recebe o dom do Espírito Santo (At 2:38; 3:19-20; 1Co 10:1-25). João Batista preanunciou isso ao dizer

⁵ O apóstolo Paulo faz referência ao batismo dos israelitas dizendo que foi tanto nas águas como na nuvem [de fogo], uma declaração de que o batismo de Cristo oferece o cumprimento desta tipologia.

que Jesus batizaria com “Espírito Santo e fogo” (Mt 3:11; Mc 3:18; Lc 3:16; At 1:5), diferenciado-o de seu próprio batismo.

Como previu o profeta, Jesus ampliou o significado de batismo. Quando Nicodemos foi ter à noite com Ele, o Mestre apresentou a necessidade de “nascer de novo” ou “nascer da água e Espírito” (Jo 3:3,5). “A figura do novo nascimento, empregada por Jesus”, comenta Ellen G. White (2006, p. 171), “não deixava de ser familiar a Nicodemos”, pois, “os conversos do paganismo à fé de Israel eram muitas vezes comparados a crianças recém-nascidas”. E, ainda, “as palavras de Cristo não se destinavam a ser tomadas em sentido literal”, mas, como disse Maurice Lamm (1999, p. 149-150), com respeito a imersão de um converso no judaísmo⁶, “para simbolizar uma mudança de alma [...] com um novo espírito e novos olhos”.

Na Bíblia há certas referências a água e sua relação com a vida, por exemplo: na Criação (Gn 1-2; 2Pe 3:5); na recriação por ocasião do dilúvio⁷ (Gn 7-9; 1Pe 3:18-22⁸); na renovação da vida quando chove ou cai a neblina (Gn 2:6; Lv 26:4; Dt 28:12; Jo 38:25-27; Is 44:3, 4; Zc 10:1); e na vida que advém das águas de um rio (Gn 2:10-14; Sl 46:4; Ez 47:5-12). Jesus vincula “água” com o “Espírito” (Jo 3:5). Paralelamente, em Genesis 1:2 são apresentados os dois termos: o “Espírito de Deus pairava sobre as águas”. Logo em seguida, Deus começa a criar todas as coisas, inclusive a vida (Gn 1:3-2:3). A Bíblia parece ir ainda mais longe, ao ponto de comparar a água com próprio Espírito de Deus:

Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes; e brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes das águas. Um dirá: Eu sou do SENHOR; outro se chamará do nome de Jacó; o outro ainda escreverá na própria mão: Eu sou do SENHOR, e por sobrenome tomará o nome de Israel (Is 44:3-4).

Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei.

⁶ O converso até os dias de hoje é considerado um “recém-nascido” (ver LAMM, 1999, p. 150).

⁷ Segundo Vine (2002, p. 431), o dilúvio era figura ou tipo dos fatos da morte, sepultamento e ressurreição espirituais, sendo o “batismo” cristão um *antitupon*, um “tipo correspondente”, uma figura igual (1Pe 3:21).

⁸ Pedro, ao relacionar o dilúvio com o batismo e a ressurreição de Cristo, atribui ao batismo o sentido de renascimento.

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis (Ez 36:25-27).

Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado (Jo 7:38-39).

A própria relação entre nascimento, água e Espírito implica numa analogia com o nascimento natural de um bebê.⁹ A vida humana se desenvolve em meio ao líquido, dentro do ventre de uma mulher. Quando o bebê sai do meio líquido ele usufrui pela primeira vez do ar, é a primeira respiração, onde recebe o “fôlego de vida” ou o “sopro de vida”, o *pneuma* (FRIBERG, T.; FRIBERG, B., 2005). Analogamente, o “fôlego de vida” divino é o Espírito Santo.

Por isso, quando Jesus usa a palavra “novo”, no grego *ánōthen*, ela pode ter duplo sentido: “nascer de novo” ou “nascer do alto” (NICHOL, 1995, v. 4, p. 958). Segundo esse conceito, o batismo possui o sentido de algo novo, um renascimento, e esse “nascer de novo” é possuir a natureza celestial, ou seja, nascer como filho de Deus através do Espírito Santo (Jo 1:12-13; Rm 6:11; 8:9-11,14,16; Cl 3:1-11). O crente é adotado na família de Deus, possui a natureza divina dentro dele, que fará com que ele se torne semelhante a Deus no caráter e nas obras (Gl 5:16-26; Ef 2:19; 4:24; Cl 1:21-22; 3:9-10; 1Pe 1:22-23; 1Jo 2:6; 2:28-29; 1Jo 3:1-3,6-10; 4:7,13,15,17; 5:1-4,12). Dessa forma, ao se batizar, deve se invocar “o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” sobre o batizando (Mt 28:19), pois ele é aceito na família Celestial.

⁹ Lamm (1999, p. 152) comenta: “Em certo sentido, não é nada menos do que o drama espiritual de morte e renascimento pintado sobre a tela da alma do convertido. Ao imergir nas águas até que cubram sua cabeça, ele entra num ambiente onde não pode respirar e nem viver por mais de alguns momentos. É a morte de tudo que ocorreu antes. Ao emergir das águas para o ar puro, ele inicia uma respiração e uma vida renovada, como um bebê lutando para nascer. Se levarmos esta vívida metáfora mais adiante, a Micve [local onde se faz imersão para rituais de purificação] pode ser considerada um útero espiritual. O feto humano está rodeado por água. Ainda não tem vida própria. A água abre-se por uma fração de segundo e a criança emerge para um novo mundo. ‘Assim que o convertido imerge e emerge, ele é um judeu em todos os sentidos’ (Iebamot 47b).”

Por outro lado, se Jesus compara o batismo a um novo nascimento, implica a morte da antiga vida¹⁰ e a ressurreição para uma nova vida¹¹ (Jo 3:5-7). Após a sua morte e sepultamento, o ressurreto espiritual renasce do sepulcro líquido para receber a vida do Espírito. O apóstolo Paulo retoma esse tema colocando-o sob a perspectiva de que o batismo represente simbolicamente a morte do crente em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Rm 6:2-6; Cl 2:12; 3:1,3).

Segundo Paulo, batismo significa uma realidade: “justificação do pecado” (Rm 6:7; Cl 2:13-14); um lavar “regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3:3-7); ter o “coração purificado de má consciência” (Hb 10:22); uma nova vida em Cristo (Rm 6:4,8,10-1; 8:10,11; Cl 2:13); uma vida no Espírito, sendo guiado por Ele (Rm 8:4-5,14; Gl 5:16,18,22); unidade em um só corpo (1Co 12:13; Tt 3:3-7); uma nova humanidade segundo a “imagem daquele que a criou” (Cl 3:10) e em obediência aos reclamos de Deus (Rm 6:13; 8:8,10; Ef 2:10), tornando-se súditos do seu reino (Rm 6:18-19,22; 7:6;) e herdeiros das promessas de redenção final dadas pelo Senhor (Rm 6:22-23; 8. 17; Cl 3:4).

Em comum com a circuncisão, que era o sinal da aliança¹² feita com o povo de Israel, o batismo se torna um sinal da nova aliança para aquele que crê na morte e ressurreição de Cristo (Rm 4:11; Gl 6:14; Cl 2:13). Como na circuncisão se retirava o prepúcio, para o crente, figuradamente, essa nova circuncisão despoja (ou crucifica) a velha e morta natureza humana pecaminosa com suas obras de transgressão (Rm 6:6; Ef 2:1-5; Cl 2:11-13; 3:5-9) e reveste-o da natureza celestial, isto é, do novo ser humano criado por Deus à imagem de Jesus (Rm 8:29-30; 2Co 17; Gl 3:26-28; Ef 2:10; Cl 3:1-3,10, 12-16). Por esse motivo, o batismo é chamado de “circuncisão de Cristo” (Cl 2:11), o sinal de ingresso do indivíduo no Israel de Deus (Gl 3:26-29; 6:16; Ef 2:11-19). Como declarou Henry F. Broun (1965, p. 5), em sua obra *Baptism through the centuries*:

O batismo tornou-se um sinal de uma transformação revolucionária no indivíduo, não simplesmente uma transferên-

¹⁰ Ver Lamm (1999, p. 152) onde “imersão” em água “é a morte de tudo que ocorreu antes”.

¹¹ Grego *anoten*, “outra vez”; “nascor outra vez” pressupõe que houve algum tipo de morte, simbólica ou real. O novo nascimento é semelhante à ressurreição.

¹² Douglas (1962, p. 130-131) apresenta um paralelo entre o batismo cristão e as alianças noética, abraâmica e mosaica. Nas duas últimas, a principal ligação está entre a circuncisão e o batismo, ambos sendo um de sinal da aliança assim como ambos são ritos de iniciação na comunidade de fé. Ver ainda Rm 4:11; 2 Co 1:21,22; Ef 1:13; Cl 2:11-13 — onde o batismo é chamado de circuncisão de Cristo.

cia de lealdade aos deuses pagãos para Cristo ou dos rituais mosaicos para as doutrinas cristãs. Esta é uma cerimônia que abrange a vida social e doméstica, limpando-a com precisão cirúrgica. Adolph Harnach declara que a cerimônia de imersão e emersão de indivíduos da água servem como garantia que as velhas coisas são agora lavados e eliminados, vivendo como um novo homem.

Conceitos modernos sobre o batismo

Há divergência entre os cristãos quanto à forma de batismo, bem como quanto à natureza. Sendo que uma influencia a outra.

Quanto à forma de batizar

Existem três formas ou métodos de realizar o batismo: imersão, aspersão e efusão. No entanto, pode-se dividi-los em apenas dois grupos: aqueles que aceitam o uso exclusivo da imersão e os que praticam as outras duas formas (BROWN, 1965, p. 185-186). Os adeptos do batismo exclusivamente por imersão creem que somente assim o rito tem valor. O argumento a seu favor é que o vocábulo grego traduzido por “batismo” no Novo Testamento tem o significado de “mergulhar” e inclui a intenção de envolver todo o ser (LAMM, 1999, p. 150). Outro argumento é o de que a imersão era a forma de purificação na maioria dos ritos judaicos, derivando daí seu significado. Além disso, numa exegese correta dos textos, as referências bíblicas neotestamentárias registram batismos por imersão, não havendo menção de outras formas. O batismo é simbolismo da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (YOUNGBLOOD, 1995, p. 186).

Os defensores de que é indiferente a forma de batismo, podendo ser por imersão, ablução e aspersão, justificam-se afirmando que as passagens do Novo Testamento que usam a palavra batismo são ambíguas e, portanto, passíveis de mais de uma interpretação. Acrescentam que no Antigo Testamento os métodos de purificação não exigiam exclusivamente a imersão (YOUNGBLOOD, 1995, p. 186).

Quanto à natureza do batismo

Atualmente, há muitas discussões quanto à natureza do batismo e cada uma delas implica em uma doutrina diferente quanto ao rito. Podemos resumir em três posturas básicas quanto ao batismo no meio cristão:

1) Os que creem que se trata de um sacramento, portanto conferindo graça aos que são batizados, entendem que a partir desse, a pessoa recebe o perdão dos pecados e passa a ter uma nova natureza, tendo sua fé despertada ou fortalecida. Não seria a água, mas sim o sacramento estabelecido por Deus e ministrado pela igreja que produz a mudança de condição. O seguinte comentário confirmaria essa ideia:

o batismo é o sacramento fundamental, instituído por Cristo, no qual a igreja, Corpo de Cristo e presença no tempo e no espaço do *Christus incarnatus*, aplica a cada homem em particular a salvação, adquirida por Cristo para todos, a maneira de purificação ‘com o lãvacro da água unido à palavra’ (Ef 5:26), que torna presente e simboliza a ação salvífica fundamental de Jesus (FRIES, 1970, v. 1, p. 195).

Dessa forma, não é necessário reconhecimento de que o indivíduo é transgressor, ou que precisa de arrependimento, e, tampouco, de conversão. Assim, se todos devem ser batizados para serem salvos, e se não há requisitos para isto, não importando se tem consciência ou não do sentido do sacrifício de Cristo, então o batismo de crianças é legitimado. Além disso tal batismo se afigurará adequado se o indivíduo crer que, no período neotestamentário, todos os membros da família realizavam o ritual (At 16:15-33), inclusive crianças (COENEN; BROWN, 2000, p. 195).

87

2) Os que creem no batismo como um símbolo que identifica a pessoa com Jesus, não produzindo qualquer mudança interna nem alterando o relacionamento da pessoa com Deus. Segundo Youngblood (1995, p. 183): “Não é tanto uma iniciação na vida cristã, mas iniciação no convívio com a igreja.” O batismo de Jesus seria um exemplo a ser seguido, tornando-se, portanto, um ato de obediência que identifica o crente com a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Rm 6:3-4). Desvincula-se totalmente o batismo do Novo Testamento dos ritos do Antigo Testamento, crendo-se que a única correspondência bíblica seria a circuncisão, ainda assim, apenas em sentido formal, por ser o pacto com Israel defeituoso, exterior, não podendo resolver todos os problemas gerados pelo pecado. Julio Paulo Tavares Zabatiero (*apud* COENEN; BROWN, 2000, p. 197) comenta:

Paulo argumenta que o pacto cristão de graça confirma a lei de Deus (Rm 3:31) mas anula a anterior — no sentido de que quem quiser a salvação através da guarda da lei (praticando a circuncisão

etc.) cairá da graça (ver Gl 5:1ss). Esse é o ensino de todo o NT (ver Mt 26:28, Lc 22:20) e exclui a possibilidade de identificação entre as duas alianças e seus sinais.

3) Os que creem que seja um sinal da nova aliança, que consiste na promessa de Deus de salvar a raça humana. Esse sinal é um ato externo de que se aceitou o pacto com Deus e, por outro lado, sinal de que foram de fato incluídas nesse pacto (COENEN; BROWN, 2000, p. 197). A pessoa necessita crer: a) que precisa de salvação; b) no meio proporcionado por Deus para isso; c) e que a provisão seja suficiente para salvar e regenerar o indivíduo. Não se exige méritos, apenas reconhecimento de sua condição pecaminosa e condenação, arrependimento sincero, aceitação incondicional, confiança (COENEN; BROWN, 2000, p. 205-206).

O batismo tem em comum com o ato da circuncisão o ser um sinal visível, externo de uma realidade ocorrida no coração e que inicia o penitente numa aliança com Deus (YOUNGBLOOD, 1995, p. 182), o que implica em responsabilidade também por parte do crente.

Implicações quanto à forma de batizar

88

Quanto à afirmação de que as passagens do Novo Testamento que usam a palavra batismo são ambíguas, passíveis de mais de uma interpretação, descuida-se, além do sentido grego da palavra batismo como visto acima, das seguintes considerações:

1) O próprio testemunho de Jesus, que “saiu das águas” e o batismo “em água” praticado pelos apóstolos (Mt 3:6; Mc 1:9; At 2:41; 8:36-39); 2) “da metáfora do sofrimento e morte de Cristo” (NISTO, 1995, p. 253-254) (Mt 20:22-23; Mc 10:38-39; Lc 12:50; Rm 6:2-5); 3) da profissão de fé e experiência simbólica na morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Rm 6:8); 4) da crença de que água representa um nascimento no Espírito Santo daqueles que acreditam em Jesus como salvador (Jo 3:5-7; 1:12-13; 1Co 10:1-2); 5) os rituais de lavagens e abluções do Antigo Testamento eram “sombras” que expressavam uma realidade por vir, “impostas até ao tempo oportuno de reforma” (Hb 8:5; 9:9-10); e quando Cristo veio, especificou através de seu exemplo e instrução como deve ser o rito do batismo (Mt 3:13-17; 28:19; Mc 1:9-11; Lc 3:21-22; Jo 1:32-34).

Implicações quanto à natureza do batismo

2) Portanto, a implicação de que a pessoa não precisa crer para ser batizada, seria contrária à origem do rito e seu propósito, contrastando

com a exigência claramente apresentada por Jesus nos Evangelhos (Mc 16:16). Levado a últimas consequências, esse pensamento contribui para o batismo de crianças ou pessoas que sequer tenham consciência do significado da morte ou da ressurreição de Cristo. O batismo deve ser um ato consciente do crente, pois a Bíblia o coloca sob a perspectiva de que represente a morte simbólica da pessoa em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor (Rm 6:2-6; Cl 2:12; 3:1,3).

Ainda mais: o batismo é uma lavagem ritualística que demonstra que o indivíduo experimentou o arrependimento, a conversão, a absolvição de seus pecados, uma vida de justiça e retidão que dificilmente se pode esperar de pessoas inconscientes dos requisitos solicitados pelo ritual em si (Mt 3:5-7,11; Mc 1:4-7,8; Lc 3:3; At 2:38; 3:19).

O batismo não possui graça em si mesmo, nem confere graça ao batizado porque a Bíblia não apresenta tal ideia. Pelo contrário, revela a Palavra que a graça é um dom de Deus dado através de Cristo, recebida mediante a fé (Rm 3:24-25), independente de qualquer ação humana, inclusive o rito do batismo (Rm 3:24; 11:6).

3) A implicação quanto à declaração de que não há uma mudança de *status* ou relacionamento com Deus nega a própria afirmação das Escrituras de que isto ocorre. Por quê? Primeiramente, porque ela diz que há a presença da divindade nesse rito, pois seu nome é invocado sobre o crente (Mt 3:13-17; 28:19).¹³

Depois, o batismo segundo as Escrituras altera o *status* do ser humano de pecador para justificado mediante a fé em Cristo (Rm 6:7; Cl 2; 13-14). O rito de imersão cristão é uma demonstração de fé na obra de Cristo em favor do pecador, pois, simbolicamente o pecador passa pela morte, sepultamento e ressurreição para uma nova vida (Rm 6:3-11). Essa justificação experimentada lhe traz reconciliação com o Pai. Como resultado dessa experiência, a paz de Deus enche seu coração, tornando-se herdeiro das promessas divinas de restauração (Jo 1:12-13; Rm 5:1, 9-10; 6:11; 8:1, 9-11,14,16; Cl 1:21-22; 3:1-11; Gl 5:16-26; Ef 2:19; 4:24; 1Pe 1:22-23; 1Jo 2:6; 2:28-29; 1Jo 3:1-3, 6-10; 4:7,13,15,17; 5:1-4,12).

O relacionamento do crente é alterado, agora ele é considerado como sendo filho de Deus, alguém nascido do Espírito, simbolizado pela água (Jo 3:5-7; Tt 3:3-7). Essa filiação é verificada na própria obediência

¹³ “O Espírito Santo acha-se presente no batismo, e ele é quem opera as operações espirituais simbolizadas e seladas com água (por exemplo, 1Co 12:13; Tt 3:5); semelhantemente ele mesmo é o dom prometido” (DOUGLAS, 1962, p. 131).

do crédulo em se submeter aos desígnios do Senhor, e um deles é o rito do batismo (Mt 28:19; Mc 16:15-16; Rm 6:13,18-19,22; 7:6; 8:8,10).

Também devemos considerar que a alusão à declaração de que o pensar o batismo não sendo “uma iniciação na vida cristã, mas uma iniciação no convívio da igreja”, rejeita o testemunho das Escrituras de que ele é tanto uma iniciação na vida cristã como a iniciação na igreja. Primeiro, porque o batismo é comparado a um parto, e daí vem a palavra “nascer”, em grego literalmente “ser gerado” (FRIBERG; FRIBERG, 2005) (Jo 3:5-7). Segundo, o apóstolo Paulo diz que o batismo representa “a circuncisão de Cristo” (Cl 3:11-13), o sinal de ingresso do indivíduo no corpo de Cristo, sua igreja (1 Co 12:13; Gl 3:26-29).

Por último, o problema de desassociar a Antiga e a Nova Aliança e não perceber a tipologia do Antigo Testamento leva a um pensamento equivocado de que o cristianismo é uma religião totalmente nova em comparação com o Antigo Testamento. Os mais variados ritos de imersão ou abluções; as experiências de Israel em relação à imersão, à criação, ao dilúvio; as figuras de linguagem em relação à água e à vida; e o anúncio dos profetas veterotestamentários de uma lavagem/purificação messiânica testemunham de uma continuidade do plano e do povo de Deus.

4) O terceiro grupo é, em nosso pensamento, o que mais se aproxima do pensamento bíblico do batismo.

90

o batismo não é um sacramento que tem a eficácia do opere *ex operato*, tampouco é um simples rito interior que garante uma membresia num grupo social. Ele é um ato instituído por Deus, cuja eficácia depende da fé de seu participante, mediante o qual o Espírito Santo incorpora em Cristo aquele que a Ele vem em arrependimento e submissão, crendo em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos e confessando com sua boca que Cristo é o senhor (ver Rm 90:9ss) (COENEN; BROWN, 2000, p. 206).

Considerações finais

O conceito bíblico sobre batismo é amplo e inclusivo de vários elementos que mesmo procurando tratar sob perspectivas distintas, ainda se completam e interagem. A teologia bíblica revela que o batismo é um ritual que significa: lavagem/purificação de uma vida de pecados e/ou dos próprios atos pecaminosos; a morte para uma velha vida de

alienação de Deus e de transgressões aos mandamentos divinos; um nascimento no Espírito, do Espírito e para o Espírito; uma profissão de fé e identificação com a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo; uma vida regenerada e renovada em Cristo; o revestimento da natureza celestial para a obediência e capacitação para o reino de Deus; uma demonstração pública de arrependimento dos pecados e conversão; a circuncisão de Cristo, isto é, um sinal de fé e iniciação na comunidade dos crentes, que é a igreja do Deus vivo; torna os filhos de Deus herdeiros das suas promessas redentoras. ✍

Referências

BROWN, H. F. **Baptism through the centuries**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1965.

CHOWN, G. **Merece confiança o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1984.

COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2000. v. 1.

91

DOUGLAS, J. D. (Ed.). **New Bible Dictionary**. Grand Rapids: Inter-Varsity Fellowship, 1962.

FRIBERG, T.; FRIBERG, B. **Analytical Lexicon to the Greek New Testament**. Victoria: Trafford, 2005.

FRIES, H. **Dicionário de teologia: conceitos fundamentais da teologia atual**. São Paulo: Edições Loyola, 1970.

GOMES, J. A origem do batismo joanino. **Graça plena**, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/OcROK8>. Acesso em: 19 set. 2012.

HENRY, M. **Comentário bíblico de Matthew Henry: Zacarias**. Michigan, Zondervan Publishing House, 1995.

HORN, S. H. **Dicionário bíblico adventista del séptimo dia**. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 1995.

LAMM, M. **Bem-vindo ao judaísmo**: retorno e conversão. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer Ltda, 1999.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista del séptimo dia**. Boise: Pacific Press Publishing Association, 1990. v. 4.

NISTO cremos: 27 ensinos bíblicos dos adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

VINE, W. E. *et al.* **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do antigo e do novo testamento. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.

WHITE, E. G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

YOUNGBLOOD, R. **Nelsons new illustrated bible dictionary**. Nashville: Thomas Nelson, 1995.

92

Enviado dia 27/04/2012
Aceito dia 12/06/2012

